REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 484

1 DE JUNHO DE 1892

Redacção – Atelier de Gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

No fim de contas sempre arrebentou a crise ministeriál

Ha que tempos que uns andavam a dizer que sim, que havia crise, que os ministros não se entendiam uns com os outros, que nos conselhos reinava uma tal desafinação que fazia presagiar proximo estouro de cordas, e outros diziam, que não, qual historia, que no seio do gabinete imperava a mais afinada das harmonias.

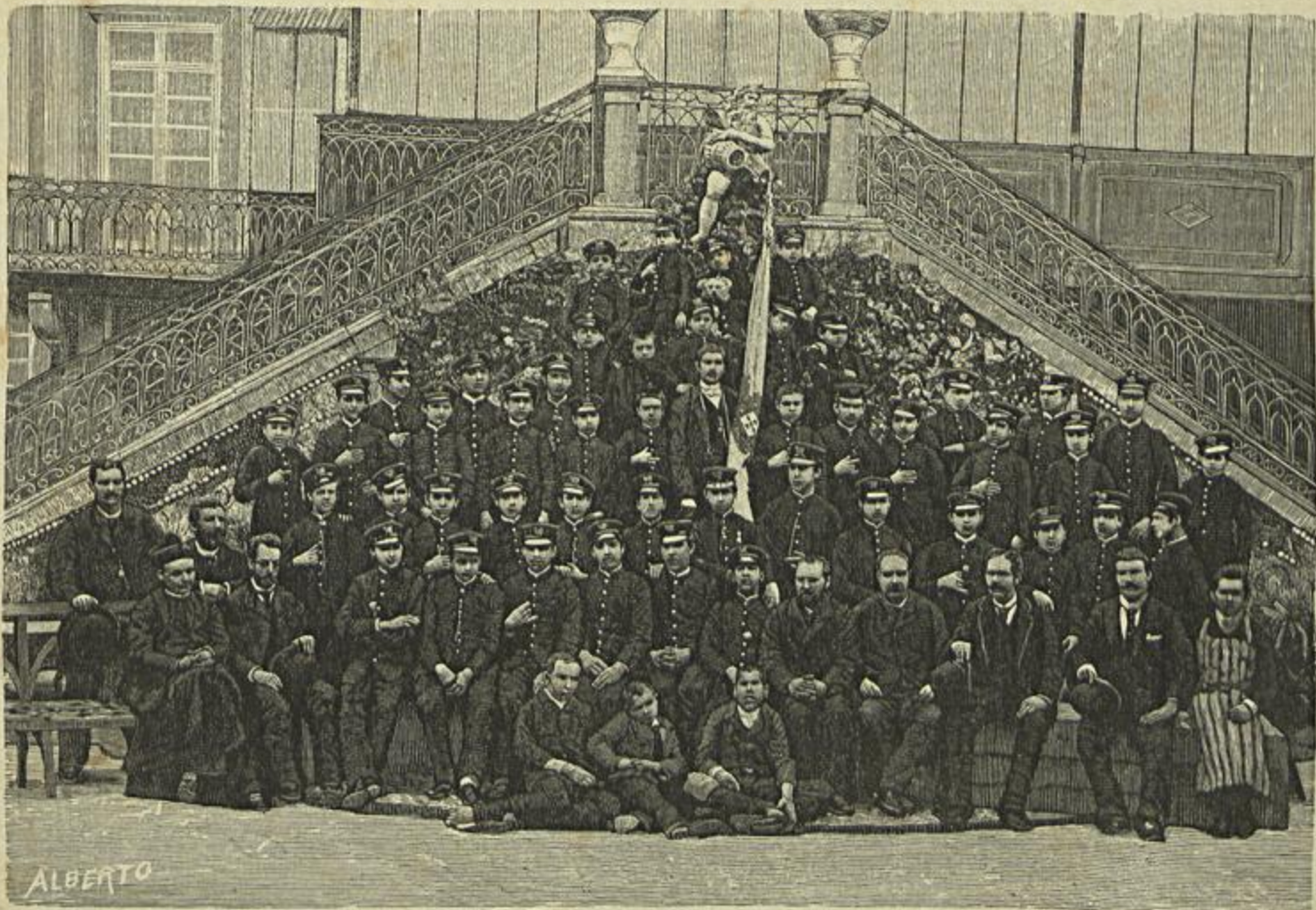
A maior parte do paiz não dizia nada, não dizia nem sim nem não; esperava os acontecimentos com a indifferença que ha muito caracterisa a nossa gente, indifferença de que apenas sahiu um bocadinho quando o ministerio subiu ao poder, imaginou que ia haver um parenthesis nos nossos costumes politicos.

Finalmente as cordas estouraram, a crise arrebentou, e arrebentou precisamente quando menos se fallava n'isso, quando realisado o convenio parecia que os motivos da crise tinham desapparecido ou pelo menos ficado addiados.

A crise arrebentou sem ninguem saber por que nem porque não, sem ninguem explicar os motivos d'ella.

E' verdade que essa crise foi parcial, apenas um pequenino *changer* de pastas, no seio da contradança ministerial, com a substituição d'uns pares dançantes: mas par marcante ficou o mesmo o que quer dizer qne a contradança seguirá, com ligeiras modificações, a mesma orientação coreographica.

O sr. presidente do conselho apresentou a El-Rei a demissão do ministerio todo e encarregando-se de formar novo gabinete, apresentou d'ali a nada ao soberano o novo ministerio que é o velho com pequenas alterações, tendo a menos os srs. Oliveira Martins, Costa Lobo e Visconde de Chancelleiros, tendo a mais os srs. Telles de Vasconcellos e Pedro Victor Sequeira: O sr. Telles de Vasconcellos na pasta da justiça vaga pela passagem do sr. bispo de Bethsayda para a pasta dos estrangeiros — o que fez dizer a alguem que vamos ter diplomacia esturrada, pois lhe entrou agora o bispo — o sr. Pedro Victor para a das obras publicas, ficando o sr. Dias Ferreira gerindo interinamente a pasta da Fazenda d'onde sahiu o sr. Oliveira Martins.

ALBERTO

OFFICINA DE S. JOSÉ, NO PORTO — GRUPO DE EDUCANDOS COM OS SEUS MESTRES

(Segundo uma photographia de E. Biel)

Repetimos o que muitas vezes temos dito, que não fazemos politica, nem sabemos, nem queremos saber fazel-a, e por isso os commentarios da crise ministerial encontral-os hão os nossos leitores na Revista Politica da nosso presado collega o sr. João Verdades, registamos apenas aqui o facto e prestando a mais completa justiça ás altas qualidades de talento, de hombridade de caracter e de honradez dos tres homens illustres que sairam agora do poder, prestamos tambem o nosso testemunho de sympathia pessoal pelos novos que entraram, pelo sr. Pedro Victor que é um engenheiro distincto e um parlamentar de valor, pelo sr. Telles de Vasconcellos, um jurisconsulto notavel, um magistrado honradissimo, que tem atraz de si uma longa carreira publica das mais honradas e impollutas e que entra agora pela primeira vez nos conselhos da corôa, depois de ter desempenhando dignamente, brilhantemente, um dos mais altos e importantes cargos do Estado, o de presidente da Camara dos Pares.

Tendo de ha muitos annos a mais sincera amisade pelo conselheiro Telles de Vasconcellos, a mais respeitosa sympathia e admiração pelos altos dotes do seu nobre espirito e do seu alevantado caracter, congratulamo-nos com o paiz pelo advento ao poder d este homem honradissimo, que pode errar porque é homem, mas que hade trabalhar deveras e com boa vontade e que hade ser mais do que ministro da jusfiça, hade ser um minisiro de justiça.

* * *

A chronica de Lisboa tem hoje a registar a morte d'um homem de bem, d'um trabalhador infatigavel da causa social, que luctando sempre valorosamente pela sua causa, foi sempre tão honesto, tão digno, tão gentil-homem no combate em que gastou toda a sua vida, que desceu ao tumulo sem um inimigo, tendo tido tantos adversarios, e acompanhado pela saudade e pela sympathia de todos que o conheceram, de todos que muitas vezes combateram as suas doutrinas, mas sempre admiraram o seu nobre e grande caracter — o general Sousa Brandão.

O general Francisco Maria de Sousa Brandão tinha 74 annos d'edade, mas era tão forte, de tão robusta tempera que a sua morte surprehendeu a todos, que julgavam que aquelle vigoroso organismo teria ainda longos annos de vida.

Militar valente, Sousa Brandão era condecorado com a medelha n.º 1 das campanhas da liberdade, mas não foi só como militar que elle se distinguiu, não foi só nas luctas da guerra que elle foi grande, foi tambem nas luctas da penna, nos combates da idêa, combates em que esteve sempre na brecha trabalhando pela causa das classes laboriosas, pela causa social, com a delicadeza e a correcção d'um antigo *preux*, sem descer nunca a insultar os seus antagonistas, sem que nunca da sua penna ou da sua bocca sahisse uma phrase menos cortez, uma palavra que fosse um insulto ou uma offensa para os seus adversarios.

Homem leal e honesto, chefe de familia exemplarissimo, protector de todos os pobres, de todos os fracos, de todos os desamparados, homem bom, na mais alta accepção da palavra, trabalhando infatigavelmente com a convicção d'um crente, sem vaidades, o general Souza Brandão conquistou durante a sua longa vida pelo seu caracter pela sua lealdade, pela sua intelligencia e pela sua fé, todo esse cortejo de sympathias profundas e respeitosas que o acompanharam até á sua ultima morada.

Tendo sentado praça em 1834 aos 16 annos, Souza Brandão chegou a general de divisão em 5 de março de 1890: era commendador de Christo, d'Izabel a Catholica e Carlos III de Hespanha: foi collaborador do *Ecco dos Operarios*, do *Jornal do Centro* da *Federação*, do *Transmontano*, e deixa um livro sobre economia social com o titulo de *O trabalho*.

O general Souza Brandão succumbiu a uma febre palustre que o atacou em Huelva onde fôra visitar as minas de que era um dos directores.

O seu enterro foi muito concorrido e a sua morte muito sentida por toda a gente, por amigos e por adversarios.

Paz á sua alma.

* * *

Falleceu tambem em Lisboa um homem muito conhecido e estimado no mundo dos theatros, o sr. Julio Ruas, um dos emprezarios do theatro do Principe Real, onde exercia tambem as funcções de camaroteiro.

Julio Ruas era um homem ainda novo, um bom e sympathico rapaz, muito querido pela sua franqueza e pelas suas boas qualidades.

Matou o uma larga e dolorosa doença, a diabetes, que foi pouco a pouco desfazendo aquelle forte organismo, transfigurando-o a ponto de ser difficil de reconhecer no morto o robusto rapaz que todos que frequentavam o theatro do Principe Real conheciam e presavam.

Foi numeroso o prestito — composto de actores, actrizes, emprezarios de varios theatros, auctores dramaticos, jornalistas e todo o pessoal do theatro do Principe Real — que acompanhou o cadaver de Julio Ruas ao cemiterio dos Prazeres, onde ficou depositado no seu jazigo de familia.

* * *

No theatro do Gymnasio houve na noite de 20 do mez de maio, que findou hontem, uma brilhante festa, a festa artistica d'uma das actrizes de mais talento e de mais variadas aptidões theatraes que ha hoje em Lisboa, a actriz Barbara Wolkart.

Barbara cultiva no theatro todos os generos desde a lacaia até aos grandes *premiers rôles*, desde a caracteristica de comedia, como a D. Maria do *Commissario de Policia* até ás tyrannas do dramalhão como a viuva Frochard das *Duas orphãs*, desde os centros dramaticos como a padeira do *Sergio Panine* até aos travestis da opera comica como aquelle chefe de repartição do *Reino das Mulheres*, e cultiva todos esses generos com egual talento e egual felicidade sendo notavel em todos elles, em todos elles sempre primeira, creando os d'uma maneira tão original, tão brilhante que depois quem a substitue n'esses papeis não póde senão imital-a sem conseguir nunca igualal-a. Não posso fallar da peça que Barbara levou este anno em seu beneficio, *As noivas do Ennéas* pelo mesmo motivo que aquelle sujeito a quem outro dia n'uma *soirée* burgueza convidava para se ir embora, para se livrar d'aquella massada, que não podia sahir por ser o dono da casa. Eu não posso fallar das *Noivas do Enéas* porque sou o dono da peça, mas por isso mesmo não quero deixar de significar aqui publicamente o meu reconhecimento para com todos os excellentes artistas do Gymnasio, a começar pelo grande actor Valle e a terminar na mais obscura discipula, pelo magistral desempenho que deram a todos os seus papeis, desempenho que tanto contribuiu para o *successo* que as *Noivas do Ennéas* alcançaram, o meu reconhecimento para com Leopoldo de Carvalho, o notavel ensaiador, pelo primor cuidadoso com que ensaiou e metteu em scena aquelles quatro actos que tanto tinham que ensaiar e que acertar, e finalmente o meu reconhecimento para com o publico e a critica que tão benevolente e amavel acolhimento fizeram á insignificante peça.

E a proposito permittam-me que com a verdade na mão responda á observação que muito amavelmente me foi feita por alguns dos meus criticos de me deixar ir atraz da *charge* da caricatura e sahir por vezes da natureza.

Eu tenho-me esfalfado a demonstrar que é difficilimo senão impossivel, por mais uberrima e disparatada que seja a phantasia humoristica d'um escriptor não já exceder, mas egualar sequer, o burlesco que a vida actual está a exhalar a todo o instanto por todos os seus póros.

O drama, a tragedia podem ser inverosimeis: a comedia, a farça a opera burlesca nunca o são. Os exemplos estão ahi a fervilhar a cada canto, na vida politica, na vida litteraria, na vida jornalistica, na vida domestica, nas ruas, nas casas, nos parlamentos, em toda a parte e para fazer aquillo a que se convencionou chamar a *charge*, a caricatura da vida, basta apenas photographar as scenas da vida actual que a cada passo vem ao nosso encontro.

Por exemplo nas *Noivas do Ennéas* ha uma licção em que um professor particular d'instrucção primaria, explicando chorographia ao seu dicipulo, lhe ensina que uma ilha é o menino quando vae tomar banho a barca — o menino é uma pequena porção da superficie solida do globo e no banho da barca está cercado d'agua por todos os lados.

Effectivamente isto parece uma *charge*: mas todos nós sabemos, todas as pessoas o contaram, que ainda ha poucos annos no Lyceu, n'um exame de instrucção secundaria um professor official perguntou a um examinando, qual era o rio que as senhoras levavam no vestido quando sahiam á rua. O examinando não respondeu, e o examinador então explicou:

— E' o rio Pó.

Façam favor de me dizer se ao pé d'isto a *charge* não é uma photographia e photographia muito pallida até.

Este anno ainda n'um exame d'instrucção primaria um professor perguntou a um examinando quem era a esposa do rei D. Diniz.

O pequeno não respondeu.

— Veja lá, era uma rainha que foi santa

O pequeno moita.

— Uma santa que tem uma igreja com o seu nome ali para as bandas da Estrella: veja lá se se lembra.

— Ah! sim senhor!

— Então diga lá: quem foi a esposa d'el-rei D. Diniz.

— A senhora dos Navegantes.

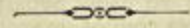
Isto é perfeitamente authentico e ha ahi muitas pessoas que garantem a authenticidade porque assistiram a esse exame no Lyceu.

E se eu começasse a desenrolar aqui o meu caderno de apontamentos tirados *d'après nature* não me chegavam sete ou oito chronicas do Occidente.

Para todos os lados para que me viro encontro sempre casos parecidos com este, e não posso acreditar que esses casos sejam feitos pelo Destino expressamente para mim, e que seja por uma amabilidade especial da Providencia que elles vem ao meu encontro.

Quasi todas as scenas das minhas peças e dos meus livros que mais desparatadas parecem, que mais burlescas se afiguram, são copiadas fielmente da vida real e tenho anotadas muitas d'ellas com os nomes das pessoas com quem aconteceram, dos sitios onde se passaram.

A vida real tem sido a collaboradora permanente de todos os meus trabalhos e quando alguem me falla na minha fantasia humoristica, na minha imaginação comica, eu sinto-me deveras humilhado porque a minha imaginação comica, a minha fantasia humoristica é ella, apenas ella, a vida real: é ella que me fornece todos os meus typos, todos os meus episodios, e eu não tenho outro trabalho senão de os notar, de os copiar, de os apresentar, e muitas vezes de estar a mascarar a verdade, para a tornar mais verosimil.

Gervasio Lobato.

A OFFICINA DE S. JOSÉ

NO PORTO

De entre os institutos de beneficencia que existem no Porto, e mesmo no paiz, nenhum haverá sem duvida mais sympathico e que melhores serviços presta á sociedade, do que a Officina de S. José instalada n'esta cidade.

E o mais portentoso d'essa instituição é o ter ella sido creada e sustentada pela iniciativa particular de um sacerdote, que pondo ao serviço de uma causa verdadeiramente humana e santa toda a sua boa vontade e toda a sua dedicação, chegou ao supremo regosijo de vêr fortificar a sua obra benemerita, secundada pela caridade publica, e abençoada pelo applauso unanime de toda uma população.

O fundador e o director ainda hoje da Officina de S. José, todos sabem ser o padre Sebastião Leite de Vasconcellos.

O bondoso ecclesiastico, preoccupado com a accumulação de uma população, cujo desenvolvimento trazia comsigo os primeiros symptomas do pauperismo, lançados primeiramente pelo facto criminoso da illegitimação e principalmente pela miseria em que cahia uma numerosa familia de operarios, concebeu a idéa evangelica de crear um estabelecimento em que fossem não só recolhidas as creanças, que pela fatalidade da sorte se arrastavam pela estrada desgraçada do crime, mas tambem regeneradas pelo trabalho e por uma educação religiosa que lhes lançasse no coração as raizes vivificantes da honestidade e do dever.

A empreza era sem duvida difficil, cheia de sacrificios e de trabalho, mas o digno sacerdote, forte na esperança de que a sua tentativa não passaria desapercebida ás almas bem formadas, pôz hombros resolutos ao emprehendimento e no dia 18 de abril de 1880, começava, só, e sem o menor auxilio, a esmolar de porta em porta o obulo indispensavel para que se tornasse em realidade o seu sonho querido de todos os instantes.

Pela sua natureza especial, a obra era nova e unica no nosso paiz e assim o desvelado fundador da Officina necessitava de ir procurar em modellos exemplares, a lição para a organisação interna do seu Instituto.

Foi assim que partiu para o estrangeiro, estudando sobretudo as casas fundadas pelo veneranдо sacerdote D. João Bosco em Italia e na França.

De regresso á patria e illucidado pelo que tinha

visto, alugou por um anno uma casa no Monte da Pena, cujo aluguer pagou do seu bolso, mas como esse predio ficasse muito affastado do centro da cidade, arrendou a casa da rua de Traz da Sé, onde a Officina foi installada definitivamente em 4 de outubro de 1883, recebendo como primicias do novo estabelecimento oito jovens, pobres e miseraveis, mas nem todos orphãos.

Os officios de sapateiro e alfayate foram os primeiros ali creados sob a direcção dos respectivos mestres, que recebiam 12$000 réis mensaes, cama, mesa e roupa lavada. Em novembro seguinte era aberta outra officina, a de carpinteiro, onde foram admittidos mais dois rapazes.

O padre Sebastião, que desde os primeiros momentos tivera sempre em vista applicar os beneficios do seu instituto principalmente aos vadios encarcerados por culpas leves, começou a ir ás cadeias da Relação, todas as quintas feiras, realisando na prisão de Santa Rita, destinada aos menores, praticas doutrinaes, em que aconselhava ás creanças o amor á religião e ao trabalho, como factores unicos da sua regeneração social e moral.

Foi no decorrer d'essas praticas que elle começou a recrutar os albergados para a Officina.

O primeiro desgraçado que trouxe comsigo da cadeia, em 16 de outubro de 1884 tinha a nota de assassino, ladrão, incendiario e vadio. A esse seguiram-se muitos outros, por igual condemnados pelos tribunaes, por vadiagem, roubo e outros crimes, de modo que actualmente a população da Officina é quasi na sua totalidade constituida por esses desventurados arrancados ao crime pela mão bemfazeja e caridosa do exemplar sacerdote.

Por vezes o numero de albergados tem sido tão elevado, que é uma verdadeira surpreza para todos o vêr como aquelle instituto, sem auxilio algum official e vivendo apenas da caridade publica, se póde sustentar.

E' mais um dos segredos do seu fundador, que tem posto constantemente ao serviço da Officina todos os recursos que aufere quer como secretario ajudante da camara ecclesiastica, quer como prégador.

A parte espiritual da educação dos albergados está só entregue ao padre Sebastião, que accumula esses deveres com os de secretario, thesoureiro, perfeito, capellão e até de dispenseiro do estabelecimento.

Assim a Officina de S. Jssé, não se póde dizer bem que seja um asylo, mas sim um lar immenso onde um pae reune e educa os filhos nas mais bellas praticas do dever.

Reconhecida já como insufficiente a casa da rua de Traz da Sé, para o numero de rapazes que ali estavam recolhidos e para outros que diariamente batiam ás suas portas para n'ella procurarem refugio, teve o padre Sebastião a idéa de construir um edificio apropriado para a Officina e desde esse momento começou audaciosamente, sem meios proprios nem fundos do estabelecimento, o combate entre a sua grande vontade e o indifferentismo dos poderes publicos.

Em 22 de janeiro de 1889, o padre Sebastião dirigia-se a Lisboa, acompanhado por oito educandos e ahi pedia a el rei a cedencia, pelo estado, dos terrenos necessarios para o edificio.

Essa cedencia foi effectivamente feita, e no dia em que se abria concurso para a construcção da Officina, um cidadão opulento e caritativo, o sr. Manuel Esteves Ribeiro, sem a menor solicitação, entregava ao padre Sebastião a quantia de réis 18.000$000 para ajuda das obras, as quaes importaram em 30.730$180 réis. D'essa somma ha apenas um *deficit* de 3:000$000 réis e tanto, que o director do estabelecimento espera poder saldar com o auxilio dos donativos da beneficencia publica.

Convem advertir que para o edificio actual, situado na rua Alexandre Herculano, o estado concorreu com tres chãos, tendo sido os dois restantes comprados pela Officina.

O novo edificio, que reune todas as condições para o fim a que se destina, foi inaugurado em 1 de novembro de 1890. Actualmente acham-se ali albergados 65 educandos.

Os officios que se ensinam nas suas officinas são os de sapateiro, alfayate, encadernador e marceneiro.

Tambem ha a aprendizagem da musica, existindo uma banda marcial, composta pelos educandos mais velhos, que acompanha a Officina nos seus passeios e solemnidades.

A' entrada do pateo, do lado direito, fica a aula de instrucção primaria, e do esquerdo o escriptorio. Ao longo do corredor acham-se, á direita, a casa de banho e a de recreio para os educandos de 12 a 16 annos, e á esquerda o refeitorio, dispensa, cozinha e adega. Seguem depois as officinas de sapateiro, alfayate, encadernador e marceneiro, ficando ao fundo a aula de musica e o gymnasio.

No pavimento superior está a aula de desenho e em frente a ampla capella, côro e sachristia, ao lado da qual se estende a enfermaria, voltada ao nascente. No mesmo pavimento, á direita, acha-se o quarto do director, seguindo-se o dormitorio com 71 camarins separados uns dos outros por tabique, tendo por cima uma rede de arame. As divisões são para maiores de 17 a 21 annos, medios de 14 a 17 e creanças de 12 a 14.

No andar superior fica a rouparia, um enorme salão com quatro portas e os aposentos para os empregados.

Ha ainda dois salões que podem comportar 50 leitos, mas que estão devolutos por não haver recursos para admittir maior numero de educandos, e ainda duas officinas a installar, a de tecelão e ferreiro, pelo mesmo motivo.

A' entrada do edificio está inscripto o seguinte:

«*Em 8 de maio de 1890, el rei D. Carlos I, concede o titulo de Real, á Officina de S. José do Porto*».

Em um grande quadro lê se:

«*Este edificio construido sobre tres chãos, dados pelo governo de S. M. F. e mais 2 comprados pela Officina de S José foi feito a expensas da caridade christã, importando em 30.730$180 réis, concorrendo para a sua construcção com 18.747$200 réis o benemerito cidadão Manuel Esteves Ribeiro.*
Inaugurado em 10 de novembro de 1890».

No lado direito estão as seguintes inscripções que traduzem o pensamento da instituição:

Pater meus et mater mea dereliquerunt me: Dominus autem assumpsit me.
Ps. 26.

—

Beatus qui intelligit super egenum et pauperem
Ps. 40.

—

Tibi derelictus est pauper, orphano tu eris adjutor.
Ps. 9.

—

Ne obliviscaris pauperum, quia pauperes facti sumus nimis.
Ps. 78 e 9.

Para o edificio ficar completo, era de urgente necessidade a creação de um annexo para os incorrigiveis, dos quaes se contam entre todos os que teem sahido, apenas uns seis, se tanto.

Os albergados usam como uniforme, casaco e calça de panno preto listado de amarello e bonet de pala com galão tambem amarello e uma chapa de metal com a legenda da officina.

Os educandos ao sahirem da officina recebem um enxoval e aos que fazem exame de instrucção primaria elementar é lhes offerecido um relogio e corrente de prata.

A officina tem estatutos approvados por alvará de 8 de setembro de 1887 e em 8 de maio de 1890, foi agraciada, sem pedido nem solicitação, com o diploma de Real officina de S. José.

Até ao presente, a officina tem recolhido 151 educandos.

Dos que teem sahido, 3 seguem o estado ecclesiastico, sendo 1 no Seminario do Porto e 2 no de Lisboa; 1 é aspirante da alfandega do Porto, onde exerce o seu logar ha dois annos; 5 foram para o Brazil onde exercem os officios de sapateiro, alfaite, carpinteiro e encadernador; 3 foram para a Africa; 2 estão ha dois annos como amanuenses, na secretaria dos caminhos de ferro do Minho e Douro; 1 é mestre alfaiate no collegio dos orphãos de Coimbra; 5 sentaram praça, sendo um d'elles musico em infanteria 18.

Outros vivem do Porto empregados em diversos officios, empregando as horas que lhe restam do trabalho em varias philarmonicas, de que fazem parte.

Dos albergados que sahiram, 5 casaram.

A idade de admissão no estabelecimento é dos 12 aos 17 annos, e aos 21 a officina encarrega-se de lhes obter uma collocação n'uma casa publica de trabalho. Aos inhabeis e aos doentes procura dar-lhes uma arrumação mais em harmonia com as suas forças.

E eis o que é a officina de S. José.

Dispondo de um limitado numero de empregados e vivendo apenas da caridade publica, a sua administração interna póde-se considerar como um verdeiro especimen de economia e de intelligencia.

Quanto ao seu fundador e director o Rev. Sebastião Leite de Vasconcellos, não ha palavras que possam exprimir com justeza, a dedicação e o amor que consagra áquella sua generosa e exemplar creação.

Os albergados adoram-o como a um pae affectuoso e as bençãos de todos quantos alli teem encontrado um refugio e uma posição social, serão sempre o unico premio a que aspira o benemerito e virtuoso sacerdote.

Seguindo o mesmo regulamento da officina de S. José do Porto, existem no paiz:

A officina de S. José de Braga, aberta em 8 de dezembro de 1880.

Pequena officina de S. José em Torres Novas, aberta em junho de 1891.

A officina de S José, de Lisboa, aberta em 1890.

E a officina de S. José, no Funchal, aberta em 1891.

Porto, dezembro, 1891.

Manuel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

O TOQUE DAS AVE-MARIAS

QUADRO DE CASIMIRO IBONA

O quadro que publicamos reproduzido em gravura, é obra de um novo artista catalão, que promette um brilhante futuro a julgar pelos seus primeiros trabalhos, de que este quadro é um d'elles.

Vê-se que é um artista de sentimento pelo assumpto que escolheu para o seu quadro, e pela fórma porque o realisou.

O pastor que recolhe com o seu rebanho, ouve o toque das Ave-Marias, no campanario da aldeia visinha, e pára em recolhida contemplação, descobrindo-se e elevando a sua oração a Deos.

Os carneiros são bem desenhados e fazem lembrar os quadros do nosso pintor animalista, de saudosa memoria, Thomaz Annunciação.

PELOURINHO DE ALJUBARROTA

Mais um pelourinho juntamos hoje á collecção que o OCCIDENTE tem publicado.

E' o pelourinho de Aljubarrota, d'essa historica villa, que foi theatro de uma das batalhas mais gloriosas que engrandeceram as armas portuguezas.

Este pelourinho nada offerece de particular, constando de uma columna assente sobre tres degraus em volta circular, e rematada por um capitel, cujo estado de ruina, gasto pelo tempo, torna difficil classificar parecendo ser gothico. Outro tanto acontece com o que se vê por sobre o capitel, que por gasto do tempo, não se póde reconhecer o que é.

A villa de Aljubarrota está na Extremadura portugueza e pertence á comarca e conselho de Alcobaça, da qual dista 6 kilometros a E., 24 ao S. de Leiria e 105 ao N. de Lisboa.

Tem 550 fogos com 2,200 habitantes, em duas freguezias, a de S. Vicente e a de Nossa Senhora dos Prazeres.

Está situada em uma pequena elevação, e segundo alguns antiquarios, é povoação fundada pelos celtas e mais tarde habitada pelos arabes n'um periodo não inferior a 400 annos, suppondo-se que foi este povo que lhe deu o nome de *Aljobbe* que quer dizer *cisterna, poço ou cova funda*, e que depois se conrrompeu em Aljubarrota.

Entretanto parece não ser bem fundada a origem do nome *Aljobb* porquanto na carta da povoação de Aljubarrota e foral de 1354 se lhe chama *Aljumarrota*. [1]

Aljubarrota é das terras mais historicamente celebres do nosso paiz, essa qualidade, porem, não lhe deu grandeza material, e hoje é uma das villas mais pobres das nossas provincias, não obstante a fertilidade dos seus campos, principalmente na coltura da oliveira, criação de gado e abundancia de caça.

[1] *A Batalha de Aljubarrota* (notas) carta ao sr. Oliveira Martins, por M. Vieira Natividade, pag. 6.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

XVIII

Ao romperem os primeiros clarões do dia treze de dezembro de mil setecentos e cincoenta e oito, appareceram affixados pelas esquinas das ruas mais publicas de Lisboa e de Belem alguns editaes regios, noticiando o facto da emboscada contra o soberano, e prohibindo a sahida para o estrangeiro a qualquer pessoa portugueza, toda a vez que préviamente não houvesse provado a sua identidade perante as justiças competentes.

N'estes editaes se promettiam elevadas recompensas, taes como pensões, honras, titulos e logares publicos a todo aquelle que, em verdade, revelasse o que soubesse ácerca da tentativa de regicidio.

Aos que n'ella houvessem collaborado, não tendo sido principaes motores, promettia El-Rei o perdão, se conscienciosamente relatassem o que a tal respeito se lhes offerecesse.

A este tempo já andavam em movimento os trabalhos do processo.

O duque d'Aveiro, os marquezes de Tavora e alguns creados das duas casas, estavam irremediavelmente perdidos.

Na madrugada d'aquelle dia, grossas forças de cavallaria da côrte prenderam aquelles conjurados, e outros individuos implicados no delicto, á excepção do duque de Aveiro e respectivos serviçaes, que se encontravam na quinta d'Azeitão.

D'entre todos os que figuraram na emboscada de Belem, só José Polycarpo d'Azevedo pôde evadir-se; por cuja cabeça se davam depois grossas sommas, que orçariam por uns vinte mil cruzados.

O marquez de Tavora D. Francisco d'Assis, foi preso nos proprios paços reaes, á voz de Sebastião de Carvalho, no momento em que fôra ali queixar-se da desconsideração que recebêra, por se ter posto na rua, sem sua ordem, a cavallaria de que elle era inspector.

A's oito horas da manhã do mencionado dia, já todos os criminosos (e innocentes) se encontravam reclusos, se excluirmos, como fica dito, o duque de Aveiro e seus creados.

Os fidalgos deram entrada no *Pateo dos Bichos* em Belem [1]; os plebeus ficaram nas prisões ordinarias, e as *senhoras, implicadas no crime*, foram distribuidas pelos differentes conventos da capital, onde permaneceram até depois do encerramento do processo.

Pouco tempo depois, o duque d'Aveiro e D. Leonor de Tavora eram tambem remettidos aos pavorosos calabouços do *Pateo dos Bichos*, a que acima nos referimos.

....

João Alexandre, João de Mattos, Gabriel de Malagrida e outros jesuitas, sentiram tentações de fugir de Portugal.

Os da inquisição tiveram identica idéa, porque, uns e outros, sabiam perfeitamente que o ministro de D. José havia de procurar os criminosos, no inferno que estivessem.

Dos fidalgos conjurados nada tinham elles a esperar que podesse compromettel-os: porém arreceavam-se dos populares, seus cumplices, que, em verdade, não deviam nunca ter sido convocados para fazer parte d'um negocio tão melindroso.

Por muito felizes se davam elles, em razão de haverem tido o *bom senso* de conservar entre ferros o desventurado Samuel, que curtia, no seu carcere, saudades da sua pobre irmã, ao mesmo tempo que temia pelo proprio futuro, o qual se lhe antolhava medonho.

Jesuitas e inquisidores, mantinham-se pois confusos e amedrontados, quando o Malagrida, que fôra a alma da emboscada, se lembrou d'ir ter com Paulo de Carvalho, inquisidor geral e irmão do ministro, na esperança fementida de prevenir suspeitas que, contra elle e os seus adeptos, porventura podessem levantar-se.

OFFICINA DE S. JOSÉ, NO PORTO — Vista exterior

(Segundo uma photgraphia de E. Biel)

Deixemos correr o processo á feição de Sebastião de Carvalho, aguardemos o resultado, e occupemos-nos dos *roupetas:*

Os *honrados* filhos de Santo Ignacio de Loyola ficaram furiosos quando tiveram conhecimento do resultado da emboscada.

No collegio de Santo Antão [2], bem como no palacio do Santo Officio, *tocou-se a capitulo* no dia que se seguiu á noite do attentado.

N'uma e n'outra casa, que de sobra se entendiam, fôra geral o desanimo quando chegou a noticia do mau exito da cilada.

— Nós, os da companhia, — começou o padre Gabriel, — deploramos profundamente o sacrilego crime de que foi victima El-Rei; e, offerecendo-nos para coadjuvar a justiça no descobrimento dos criminosos, reiteramos mais uma vez os nossos juramentos de *fidelidade* e de *sympathia* pela corôa. Desejavamos ir ao paço fazer a declaração que fica feita: Porém, como é sabido que Sua Magestade não pode receber em razão do estado melindroso da sua importante saude, pede-se a v. ex.ª que, por intermedio do illustre ministro, seu irmão, cheguem aos ouvidos do real enfermo as nossas singelas e sinceras expressões.

Paulo de Carvalho, que, até ao momento da visita de Malagrida, não tinha pensado ainda na possibilidade da collaboração dos *roupetas* no regicidio, começou a scismar n'estas *dedicações* dos padres da companhia, quando era certo que não

---

[1] No bairro de Belem comprou D. João V, por grandes sommas, diversas casas de campo, para de todas formar uma regia residencia. Com effeito, pelo artefacto da principal, sita no largo de Belem, se deprehende haver sido irregularmente edificada por elle e por seus successores.

Entretanto contém a melhor collecção de pinturas de todo o reino, um espaçoso jardim bem arvorisado, etc, etc. — Do lado do sul avista-se um bello largo e um excellente caes. Tambem continha o *Pateo dos Bichos*, ou receptaculo de feras vivas, pertencentes ao estabelecimento de Historia natural. (*Portugal e seus dominios*).

[2] Alem d'este collegio, os padres da Companhia possuiram outros em Lisboa.

O TOQUE DAS AVE-MARIAS — Quadro de Casimiro Ibona

podiam experimentar pelo soberano e seus ministros outra coisa que não fosse muita antipathia e muito odio.

— Pois fique vossa paternidade certo de que farei chegar ao paço a noticia dos *bons sentimentos* da Companhia de Jesus, relativamente a El-Rei. E a proposito: O que pensam vossas paternidades com relação ao succedido?

— O que toda a gente de bem pensa: Que foi uma crueldade, um sacrilegio e uma enormissima cobardia, que o mais energico castigo deve punir de prompto, caso os criminosos appareçam.

— Hão de apparecer. Lisboa é pequena, e o paiz não é grande: Pois não é assim?

— É que, a estas horas, vão certamente no caminho do estrangeiro...

— Não é de crêr; porque, quem tal fizesse, sem motivo justificado, seria a mesma coisa que descobrir-se desde logo. Pois não é d'esta opinião?

— Conforme. Casos ha em que o receio vence tudo, ainda o que, n'um momento normal, se afigura mais prudente.

Trocadas mais algumas palavras entre o padre Malagrida e o inquisidor-geral, por onde aquelle buscou sempre desnortear o segundo, ainda que improductivamente, o jesuita sahiu na persuação de que tinha ganho o seu tempo, e que os seus offerecimentos hypocritas lograriam illudir El-Rei.

Como se enganava o misero, para quem um futuro proximo accendia uma fogueira!...........

....

XIX

Quando os malfeitores conduziam Branca para as bandas da praia, ouviram elles um pequeno motim que partia d'uma das ruas que desembocam no Corpo Santo.

Os bandidos ficaram contrariados.

A donzella, que se encontrava já restabelecida do deliquio, não empregava um unico movimento de resistencia, e limitava-se a emittir uns tenues gemidos, que os facinoras abafavam n'um proposito cantarolar.

Pouco depois o barulho deixou de ouvir-se; e os salteadores, recobrando animo, preseguiram na sua marcha.

Quando porém penetraram no largo, na intenção de seguirem para a praia ([10]), deram de frente com quatro familiares do santo officio, os quaes levavam de rastos um desgraçado cigano, que pouco tempo antes haviam encontrado.

Bandidos e *irmãos negros* pararam por seu turno.

Eram os corvos e os milhafres que se reviam desconfiados.

Branca percebeu o encontro, e envidou um esforço desesperado por se livrar das garras dos assassinos.

Aos do santo officio não passou desapercebido o facto.

De sobra viram elles que um dos malfeitores sopesava uma mulher.

Era tempo d'operar.

Os *irmãos negros* eram quatro, e bem armados para aquellas excursões nocturnas em beneficio da fé...

— Em nome do *santo tribunal da inquisição*, acompanhae-nos; disse um d'elles em voz atroadora, dirigindo-se aos sicarios.

A resposta dos facinoras foi abandonarem a presa e escoarem-se para a praia.

Branca estava *salva*...

....

Um dos familiares, abeirando-se da donzella e reconhecendo-a á luz d'uma lanterna, abraçou-a febrilmente e murmurou umas palavras imperceptiveis.

Branca reconheceu tambem o inquisidor, que affastára da face o longo capuz do seu negro farricoco, e deu mentalmente graças a Deus por ter encontrado o homem que procurava, e de quem esperava a soltura de Samuel.

XX

Vejamos agora quem era este ultimo personagem da nossa veridica narrativa: Se lhe despissemos o comprido balandrau de lustrina preta, encontrar-lhe-hia-mos, cingindo o corpo roliço, o habito de S. Domingos.

Era pois um frade dominicano, que contaria cêrca de sessenta annos: baixo como os *esquimaus*, obeso como Vitelio, e ascoroso como os *pauns*.

Vira Branca, depois da morte de Bernardim Barbeiat, n'aquella casa d'Alfama, de que o leitor já tem noticia, e desde esse momento *sentiu-se apaixonado* pela donzella!

A filha do extincto magistrado, quando o monstro se lhe dirigiu, corou de pudor, e não lhe respondeu senão com o mais profundo despreso.

Dois dias depois recebia a orphã uma carta do punho do dominico, ameaçando-a de pagar caro na inquisição o desprezo que lhe votava.

Branca comprehendeu que o inquisidor era uma creatura perigosa, mas nem por isso se rendeu.

Samuel ignorava tudo.

O dominicano, por seu turno, andava louco.

Da ameaça passára a meios brandos, e, n'uma segunda epistola, offerecia á donzella tudo quanto um velho apaixonado e ridiculo pode offerecer á mulher que ama.

Foi então que os dois irmãos se mudaram para a Pampulha.

O inquisidor sentiu no peito como que o effeito d'uma punhalada, quando viu fechada a casa do largo do Regedor.

Debalde perguntou pela orphã, e mais debalde, ainda, tentou apagar o *incendio d'amor* que o consumia.

Nos labios rôxos e viscosos, ninguem mais lhe viu pairar um sorriso de conforto.

....

....

Encontrar, agora, Branca, n'aquelle sitio .. n'aquellas condições... n'aquella noite... e indo ter por unica testemunha das suas *expansões de amor* o brando sopro da brisa, que convidava os *apaixonados* a similhantes lucubrações, fôra para si uma immensa ventura... uma felicidade ingente!

Depois de tantas sandalias rôtas com desproveito, veio o bom fado em seu auxilio, e removera-lhe a mulher dos seus sonhos, dos braços lubricos dos assassinos, para junto d'aquelle peito vigoroso, onde batia o coração d'um amante...

Branca, essa, continuava a bemdizer a fortuna do encontro com o ridiculo dominicano, em quem depositava todas as esperanças relativas á salvação do infeliz encarcerado.

Procurar pois illudil o, conseguir que elle lhe soltasse o irmão, e abandonal-o depois como se abandona uma coisa abjecta e immunda, fôra este sempre e continuava a ser o plano da donzella.

O frade não lhe podia lêr no espirito similhante resolução; e cada vez que ella lhe dirigia uma palavra, ou lhe remettia um olhar dos seus grandes e bellos olhos, sentia-se como que transportado a um mundo de delicias... de sensações ineffaveis.

Pouco a pouco chegaram ao Rocio.

Os restantes *irmãos-negros* já tinham desapparecido com o desgraçado prisioneiro, que, improductivamente, se esforçára por fugir.

Pelas ruas, e dentro das habitações, ia um silencio tumular.

Nem no palacio da inquisição, nem no hospital de *Todos os Santos* ([11]), que n'esses tempos demorava a um dos lados do terreiro do Rocio, nem tão pouco nas ruas e travessas proximas, se ouvia o menor rumor.

Então, o dominico, ardendo em lascivia, revelou á donzella os seus desejos impuros.

Não era ainda ensejo para Branca o repellir.

N'esta singular conjunctura relevou-lhe ella que lhe sujasse com um beijo a face desbotada pelas privações e vigilias.

Depois, dando-lhe esperanças, que o coração não dictou, fallou-lhe largamente de Samuel.

O dominicano deu um pulo

Dir-se-hia que uma cobra o picára fundo.

Pela face rubra passou-lhe um suor gelido, quando soube que Branca era irmã do infeliz, que, poucas horas antes, ajudára a massacrar!...

Um silencio profundissimo de minutos succedeu ás palavras da donzella, findo o qual, o dominicano respondeu:

— Socega: Teu irmão vae ser posto em liberdade. Mas acompanha-me até uma pequena casa que possuo perto d'aqui. Comprehendes que, emquanto chego a dar soltura a Samuel, não podes ficar abandonada na rua, a estas horas avançadas, e n'uma terra inundada de malfeitores.

Branca, muito crente nas palavras do Torquemada, acompanhou o até ao unico andar d'uma pequena casa da rua da Bitesga, cuja chave o dominico possuia.

Mal pensava ella que o infame pretendia apenas praticar um crime bestial, e que, longe de libertar Samuel, resolvera ao contrario desfazer-se d'elle como d'uma coisa importuna.

....

Mas Deus veio em auxilio da donzella, cuja virgindade estava em perigo: Uma apoplexia fulminante arrancou a vida ao dominico, e, curtos instantes depois, encontrava se, sobre o chão, uma mulher desmaiada, junto ao cadaver d'um frade.

(Continúa)

[10] Actual Aterro da Boa-Vista. Era ainda ha pouco uma praia lodosa, e um dos sitios mais perigosos de Lisboa, em razão do grande numero de malfeitores que se acoitavam alli.

[11] Era situado na parte oriental do largo do Rocio. Foi destruido pelo terremoto de 1755.

OS MEUS LIVROS

XVIII

Temos em nosso poder *Mortelles Amours* de Maxime Formont, *A segunda Duqueza* de Luciano Cordeiro, *Soror Paula* drama em 5 actos por Freitas e Costa, *Psycologia applicada á educação* por Ferreira Deusdedo, *A mãe de Camões* pelo distincto academico Ramos Coelho, *Envelhecer* contos por Caldas Cordeiro, *Rehabilitação das colonias* por Freitas e Costa, *Os nephellibatas* por Luiz de Borja, *Sorrisos e Desalentos* por Pedro Machado. Estes livros são offerecidos por seus dignos auctores ao signatario d'estas linhas, gentilleza que profundamente agradecemos, e, conforme o tempo e o espaço, mais detalhadamente, nos referiremos a cada um d'elles.

O Guia auxiliar para as viagens de excursão em todas as linhas ferreas de Portugal revista pelo sr. engenheiro F. Perfeito de Magalhães, as *Noções praticas de tachygraphia* pelo sr. J. Fraga Pery de Linde, e *Phenomenos de Athmosphera* de Zurcher, um bello tomo de 250 paginas com uma luxuosa encadernação a percalina, illustrado com numerosas gravuras, é uma obra de natureza scientifica tendente a vulgarisar o estudo dos phenomenos athmosphericos,— são trez livros que a acreditada casa Guillard Aillaud & C.ª se dignou offerecer-nos e que vivamente recommendamos aos nossos leitores pela sua utilidade e pela modicidade dos preços.

*
* *

Maxime Formont, por ser estrangeiro e como manda a antiga bizarria portugueza, será o primeiro de que nos occupemos.

Os leitores do Occidente já conhecem este sympatico vulto da litteratura franceza pela noticia que lhes dei dos livros *Les inspiratrices* e *Les Refuges* que são verdadeiras obras de arte e a demonstração de um singular talento.

Mortelles Amours é um trecho de prosa franceza de primeira ordem. Lêem se soffregamente aquellas vinte e um paginas *in folio* quarto.

Podendo ser um idyllio como a «*Grazìella*» de Lamartine é um quadro humano, em que o estudo psycologico de *Martha* e *Mauricio* é velado de um modo encantador pela harmonia do descriptivo em tonalidades leves de aguarella.

Em portuguez, com o mesmo valor, só conhecemos o livro de Manuel Caldas Cordeiro, uma collecção de contos ultimamente publicada sob o titulo de *Envelhecer* em volta do qual se fez um certo silencio, porque não foi comprehendido. Apenas vimos um artigo nas *Novidades* de um critico notavel.

Particularmente o conto *Inigmatico* é um bello estudo que Formont desejaria ter assignado.

Tanto no *Envelhecer* como no *Mortelles Amours*, predomina o desalento a par da intenção de tornar comprehensiveis certas phases do soffrimento humano e chamar para estas victimas do desabar de um seculo impuro, a attenção do mundo tam preoccupado do Egoismo.

A *Martha* de Formont passa para muita gente como um amor vulgar de *rapariga do campo*.

O presonagem *Antonio de Mello* do conto intitulado *Inigmatica* do sr. Caldas, deve ser tambem para muitos — simplesmente um doido.

Maxime Formont diffine assim a sua *Martha*:

«Mais la creature de chair et de sang, l'amante terrestre, soumise aux douleures et aux humiliations de la vie, tient à nous par des liens plus intimes et vraiment fraternels.»

....

«Nous sommes émus d'une compassion infinie, quand nous entendons palpiter l'echo de notre propre souffrence dans la voix brisée de celle que nous aimons et qui defaille entre nos bras. Nous la sentons plus exposée que nous-mêmes aux atroces blessures de l'existence.»

....

O personagem do *Inigmatico* é assim descripto pelo nosso auctor: — «O seu espirito, amiudadas vezes batido contra os escolhos de uma vida demasiadamente intellectual e naufragando nas bar-

reiras que o desequilibrio da sciencia e da arte mettem na corrente do viver, acariciára essa ideia que agora o invadia e tentava. Sair da existencia, quando um grande desgosto o roia e um futuro d'uma bruma espessa se divisava, era a suprema das libertações. Descançar na eterna liberdade do apodrecimento, abreviar a transformação da sua materia, dar á terra um pouco do guano, que lhe consentiria o alimento de tantos vermes e o rejuvenescer de quantas flôres, emfim, todo o prestigio, toda a epica grandeza que os supremos espiritos levaram ao materialismo, como que espiritualisando-o, tudo surgia á lembrança d'aquelle homem que via, com logica, no fim do seu destino, o fim da sua tortura.

Por isto vemos que ambos os escriptores procuram desviar da sociedade essa especie de anathema com que são feridos todos os que soffrem por ver o mal dos outros.

A mr. Maxime Formont agradecemos a sua immerecida *témoignage de cordiale e confraternel sympathie*, com que tanto nos desvaneceu.

Mortelles Amours foi publicado na *Grand Revue Paris et Saint-Petersbourg* — periodico quinzenal.

Ao sr. Manoel Caldas Cordeiro, auctor do *Envelhecer*, um pequeno volume de cento e tantas paginas, agradecemos, egualmente, a sua *prova de estima e apreço* que sempre procuraremos merecer.

Ao publico diremos que lê dez narrativas muito interessantes e decerto lamentará que o seu auctor não produzisse obra de maior latitude.

* * *

A *Segunda Duqueza* de Luciano Cordeiro, é o segundo volume dos *Serões Manuelinos* dividido em tres partes: — *Sortes ventureiras, Cantigas da Côrte e Documentos.*

A segunda parte encerra versos autenticos de D. Joanna de Mendonça, Simão da Silveira, João Rodrigues de Lucena, Simão de Miranda, Luiz da Silveira, Simão de Souza, Ayres Telles e outros comensaes da corte de D. João III.

Os documentos são umas curiosissimas cartas do marquez de Villa Real, de el rei D. João III o *inquisidor* e do Duque de Bragança D. Jayme.

A primeira parte da *Segunda Duqueza* tem o titulo geral de — Sortes ventureiras — e desdobra-se em nove capitulos sobre *O conventinho das Chagas, Outros tempos, Casamento e mortalha, Corte plena, Amores ineditos, Porque D. Manoel casou terceira vez, Dama de folgar, Por amores, e Anjo do lar* — que são verdadeiras revelações historicas como a do facto de el-rei D. Manoel *o venturoso* amar a mesma senhora que seu filho o principe D. João, e as rivalidades entre Villa Reaes e Braganças, constitue, na verdade, uma leitura muito interessante e instructiva.

Recommendamos aos nossos leitores a *Segunda Duqueza* E ao seu auctor, o nosso amigo Luciano Cordeiro, agradecemos reconhecidos a dadiva do seu precioso livro.

* * *

Sorrisos e Desalentos é um livro de sonetos do nosso prezado amigo Pedro Machado.

O livro é uma edição elegantissima da casa Ferin & C.ª

Pedro Machado dá-nos trinta e seis sonetos, alguns dos quaes são verdadeiramente bocagianos.

Pedro Machado é poeta a valer e tem muito talento.

Temos muita pena da falta de espaço e por isso transcrevemos apenas um soneto: *In articulo mortis.*

Um sordido agiota que a desgraça
Dos outros explorára, agonisava,
E a sua triste sorte lamentava,
Por não poder morrer — senão de graça.

No confessor a vista torva e baça,
Em derradeiro esforço inda fitava,
Ouvindo que d'est'arte o exhortava
A corrigir agora a vida escassa :

— «Deus dá-nos mil por um, no outro mundo ;
«Irmão, quem der esmola empresta a Deus,
«E exerce o mais sublime sacerdocio ! — »

«Pois sim — responde a custo o moribundo
« — Confio muito nos conselhos seus,
«Mas, sem penhor... não caio em tal negocio.

Sorrisos e desalentos lêem-se de um folego. Não ha um soneto que não abra com chave de prata e feche com chave de ouro.

Ao seu auctor, a quem devemos já o favor do envio de *Uma teima* e *Os beijos*, repetimos os agradecimentos por esta nova demonstração do seu talento e da sua amizade.

* * *

Os nephelibatas — é um folheto de vinte oito paginas em que o auctor, sr. Luiz de Borja, cujo nome não conheciamos, apresenta, pelo estylo e pelo assumpto como que filiado na escola dos Desiludidos, no exercito da Noite que hoje desfralda a bandeira negra das Intransigencias contra as velharias rimadas da Monotonia passada, essa que só se preoccupou com o momento em que viveu.

A todos os nossos collegas nos confessamos gratos pela amabilidade da sua lembrança, não podendo deixar de especialisar mr. Maxime Formont que na sua qualidade de estrangeiro merece attenções especiaes, e porque em verdade ha muito se nos não depara um tão original talento a par de uma vastissima illustração sempre posta a serviço de Portugal.

Manuel Barradas.

CONTOS MILITARES

O RANCHEIRO-MÓR

Haverá uns 40 annos, pouco mais ou menos, que n'um dos regimentos da capital existia como rancheiro-mór *permanente* um grande espertalhão, soldado de contracta, o qual, se tem apparecido vinte annos mais tarde era hoje certamente bacharel em direito, deputado por qualquer burgo podre e talvez ministro de estado, por que o bom do *Escopêta*, como os soldados lhe chamavam, fazia umas redondilhas na perfeição, com que regalava na caserna os ouvidos dos camaradas, nas horas vagas dos caldeirões.

O *Escopêta*, quando se preparava para passeio, punha sobre si, em oiro, o melhor de mil cruzados : Bom relogio de prata, de caixas floreadas, grosso cordão d'oiro do melhor quilate, e, em cada um dos dez dedos das mãos, um valente *cachucho* tambem d'oiro, em que se iam as vistas cobiçosas dos invejosos camaradas.

* * *

Ninguem sabia como o *Escopêta* adquirira tanta riqueza.

Um dia o major do regimento, n'um passeio, encontrou-se com o soldado, que, ao fazer-lhe a continencia, ia-o cegando com o brilho dos anneis.

— Isto aqui ha coisa ; disse de si para si o official superior.

No dia seguinte mandou chamar o official do rancho.

— Tem a certeza de que, nos caldeirões, entram os generos na sua totalidade ?

— A certeza plenissima, major.

— E como explica o sr. aquelle luxo do rancheiro-mór ?

— E' um soldado economico... não gasta dez reis mal gastos, e...

— Hum !... monosyllabou o fiscal do regimento.

— Entretanto eu me encarregarei de vigial-o, concluiu o tenente.

— Sim, faz bem ; A's vezes o rancho é tão mal adubado...

* * *

Desde aquelle dia em diante doze olhos humanos começaram d'espreitar constantemente os movimentos do *Escopêta*, que, no domingo seguinte se vingou do major, do tenente e dos vigias collocando mais dois *cachuchos* nos dedos indicadores das duas mãos.

— Que alma do diabo ! murmurava o official do rancho : Se o maldito nos rouba, é mais fino do que um rato. Mas como, se assisto á entrada dos generos nos caldeirões, se trago comigo as chaves da arrecadação, e se seis individuos o espreitam dentro e fóra da cosinha ? !...

Não comprehendo !

* * *

Terminado o tempo da contracta, o *Escopêta* recebeu a baixa e foi estabelecer-se com uma loja de pesa para defronte do quartel.

Decorridos 15 annos, estava tão prospero, que trespassou o negocio a um caixeiro que tinha.

— Ora vem cá, ó *Escopêta*, disse-lhe um dia o tenente. Como demonio enriqueceste tu tão depressa ?

— A' custa dos papalvos, em cujo numero peço licença para incluir a vossa senhoria.

O antigo director do rancho arregalou muito os olhos, e ficou á espera da explicação do tendeiro.

— Lembra-se do meu tempo de rancheiro-mór.

— Perfeitamente.

— Servi este logar uns quatro annos a fio : Ora cada mez, roubava em azeite, o melhor de trez moedas.

— Como ? ! interrogou o official, chamando-se intimamente burro.

— Eu lhe conto.

— Dize lá...

— Eram tres canadas as que deviam entrar nos caldeiros, hão é verdade ?

— Certamente.

— Pois não entrava senão uma. As outras passava-as eu para fóra do quartel dentro d'aquelle deposito de borracha, com que durante os ultimos 15 annos pude triumphar dos guardas barreiras e do fisco...

E dito isto, mostrou um deposito de gutta-percha, que, depois de cheio d'azeite, collocava no seio, entre a pelle, e a camisa.

— E's um demonio ! Mas, como roubavas tu o rancho, quando é certo que assistia á entrada dos adubos nos caldeirões ?

— Facilmente : Se o sr. lhes observasse os fundos, encontraria sobre umas taboas de cortiça duas esponjas formidaveis, as quaes bebiam as duas referidas canadas d'azeite, que eu depois obrigava a vomitar no meu deposito, tão depressa a cosinha ficava limpa de testemunhas.

* * *

Ha dez ou onze annos existia ainda o antigo rancheiro-mór n'uma pequena villa sertaneja, onde dava, por mercê do seu dinheiro, politicamente a lei.

Disse-me elle que havia sido 4 vezes presidente do municipio, e que, a rogos d'um deputado, recebera o titulo de conselheiro.

Não achei mal cabida a destincção : Para aconselhar a furtar azeite, era um conselheiro de truz.

Ao menos este ainda podia aconselhar alguma coisa.

Lisboa — 1892.

Oliveira Mascarenhas.

REVISTA POLITICA

N'estes ultimos dez dias os acontecimentos politicos succederam-se com uma celeridade vertiginosa, deixando todos estupefactos com a contradição d'esses acontecimentos.

Tinha-se fallado de crise ministerial, mas não se dera credito a esse fallar, porque tal crise não tinha fundamento.

Chegara-se até a indicar os nomes dos novos ministros, mas isso não passou de phantasia de novelleiros, em que a intriga eleitoral tinha o seu quinhão.

Correram varias versões sobre os resultados do convenio com os representantes dos credores estrangeiros, e do emprestimo, mas essas versões cederam o logar á noticia de estarem concluidas as negociações do convenio, assignado em Paris pelo sr. Antonio de Serpa, no dia 23 de maio.

E quando tudo faria supor, que o governo alcançara um triumpho, que o firmava de pedra e cal, pelo menos d'aqui até janeiro, eis que se revela uma crise subita, inesperada, de que ninguem conheceu a causa, nem os proprios ministros que foram victimas d'ella, e acto continuo cae o ministerio e no mesmo instante se põe em pé recomposto, com uma agilidade de acrobata amestrado em saltos mortaes.

Dito e feito, o sr. presidente do conselho depôz nas mãos de El-Rei a demissão do ministerio, e logo o mesmo presidente foi encarregado por El-Rei para organisar novo governo, o que tambem no mesmo instante se formou do seguinte modo :

Presidencia, Reino e Fazenda, o sr. José Dias Ferreira ; Estrangeiros, sr. Bispo de Bethsayda ; Marinha, o sr. Ferreira do Amaral ; Guerra, o sr. Pinheiro Furtado ; Obras Publicas, o sr. Pedro Victor ; Justiça, o sr. dr. Telles de Vasconcellos.

Estes dois ultimos são os novos, os primeiros quatro são os mesmos do ministerio demissionario, com a differença de *change de place* do sr. Bispo de Bethsayda que passou da Justiça para os Estrangeiros.

Tudo isto emquanto o diabo esfrega um olho.

Mas ainda aqui não pára o imprevisto, o contraditorio de toda esta embrulhada.

O melhor, o mais original, o que mais tem surpreendido o espirito indigena, é o mysterio em que se acha envolvido o tal convenio, que, apezar de ter sido assignado em Paris pelo sr Antonio de Serpa, e, segundo se diz, conforme as instrucções e desejos do governo portuguez, o mesmo governo ainda não o confirmou, parecendo até que já o não quer, e que outros santos syndicateiros estão requestando o culto do sr. José Dias Ferreira, chegando até a dizer-se que esta é a causa da subita mudança do ministerio.

E só assim se explica a sahida do sr. Oliveira Martins ministro da fazenda, que principiou a dirigir as negociações do convenio e do emprestimo, não se explicando entretanto a sahida dos srs. Costa Lobo e visconde de Chancelleiros, pelo menos n'este momento, sendo de esperar que no parlamento se explique então á saciedade, com uma d'aquellas trovoadas parlamentares de que os dois illustres pares são capazes, por não recearem que os raios lhe caiam em casa.

Os novos ministros que entraram no novo gabinete do sr. Dias Ferreira, são, como dissemos, os srs. Telles de Vasconcellos e Pedro Victor, o primeiro jurisconsulto, o segundo engenheiro, ambos parlamentares experimentados, ambos membros do partido regenerador.

Uma das coisas que se tem notado n'esta mutação do governo é os dois novos ministros terem acceitado o cargo sem consultarem o chefe politico do seu partido, o que é evidente, sabendo-se que o sr. Antonio de Serpa tem estado em Paris, e que vinha em viagem para Lisboa, quando se realisou a contradança ministerial e suas ex.^{as} entraram no *avant deux*.

Mas para salvar a patria não se deve perder um momento, e suas ex.^{as} não exitaram um instante diante da pasta que lhes sorria seductora e lhes requestava o coração patriota em transe tão afflicto.

Quem ha ahi que rejeite uma pasta?

E n'estes casos deixar fallar quem falla, que em lhe chegando a vez, tambem se hão de render.

Não profundemos o mysterio do que se vae passando na scena politica, mas sem querermos ser indiscretos, sempre diremos que o tal mysterio tem muito mais ligações com a urna, do que propriamente com as altas questões financeiras, que parecia ser o que mais devia preoccupar qualquer governo.

Mas *odio velho não cança* assim como *burro velho não aprende linguas*, e então para que nos devemos admirar do que se vae desenrolando diante de nós? Estamos assistindo ás mesmas scenas velhas, em que os actores poderão ser novos, mas o reportorio é velho.

Não ha governo que resista á urna, assim como não ha deputados que resistam ao facciosismo. Não incriminemos só os governos que são feitos dos eleitos da urna. Os governos para se poderem sustentar precisam ter partido, e para ter partido o que menos importa é governar bem, porque se assim não fôra, ha muito tempo que não haviam nem governos nem partidos como os que se tem visto e sentido.

Toda a gente sabe como se tem feito os partidos em Portugal Se nos primeiros tempos das instituições que nos regem houveram fanaticos que se sacrificavam pelas suas convicções, hoje só ha politicos quesacrificam as suas convicções,— os que as tem,—aos seus interesses pessoaes, e d'ahi a classificação picaresca que um illustre parlamentar independente deu, segundo nos contaram, aos taes partidos.

Eil-a:

— Os partidos em Portugal são monte-pios de soccorro mutuo!

Não somos socios.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Lisboa no anno tres mil *revelações arqueologicas obtidas pela hipnose e publicadas* por Candido de Figueiredo. Lisboa, Livraria Ferreira, 1892. Um pequeno volume que se lê de uma acentada e que nos deixa pena de não ter mais que lêr. E' um livro de critica, sob uma maneira nova, dos costumes, das letras e das artes, da politica, da industria, da vida nacional emfim. O auctor deixa-se hypnetizar e adormece em profundo somno durante tres horas, em que por sugestão se transporta ao anno tres mil, ao ponto mais civilisado do mundo, que então é a Australia. Durante este somno escreve o que vê ou melhor o que lê na Bibliotheca Universal, edificio monstro que

PFLOURINHO DE ALJUBARROTA

(Segundo photographia)

descreve com todos os seus promenores. A leitura que o tentou foram as *viagens* e sob o n.º 98:765 encontra *Digressões no extremo Occidente pelo sabio Terramarique.* O que o sabio descreve em cartas dirigidas ao sabio *Poliscomo*, não o diremos aqui, porque tiraria o interesse de curiosidade do livro, que é devéras originalissimo.

Bastará conhecer o summario dos capitulos para fazer uma idéa aproximada do genero d'esta obra e aguçar a curiosidade do leitor.

Eis o summario:

Prefacio: — Hipnotismo. — Ruinas da Europa. — O omnipotente russo Ivan LIV. — A civilisação na Austrália. — A «Bibliotheca Universal» de Sidnei. — A prodigiosa obra de um sábio futuro. — Da Austrália ao Tejo. — *Carta I.* — Os ermos occidentais. — Um pescador de pérolas nas Berlengas. — Um cenobita nos Açôres. — Recordações de Portugal. — Camões, a decadencia, a morte. — *Carta II.* — O Cartaxo. — A emprêsa «Mixordia & C.ª» — Os contrabandistas. — Bandidos de casaca — Os alçapões da fortuna. — Homens-mulheres, e mulheres-homens. — A bebedeira nacional. — Influencia do vinho na politica. — *Carta III.* — A ponte monumental. — Melhoramentos desnacionaes. — Ministros budistas. — A lenda da «Pasta». — Epopeia e comédia. — *Carta IV.* — A estátua de José Estevam. — Como se fabricavam legisladôres. — O telónio da «Arcada» — Os escaninhos da burocracia. — Cretinos e bongas. — Historia dos concursos. — *Carta V.* — Sá da Bandeira. — Bifes de Moiro. — Os guerreiros: o soldado, o alferes. — Os ideais portuguêses. — A reforma, a aposentação, o sindicato, a sorte grande. — O sabre municipal. — Pé de alferes. — O uniforme, sua influencia social. — *Carta VI.* — A escripta portuguêsa. — Os mestres da decadencia. — A critica; a poesia. — Os «Lusiadas». — A arte e a couve gallega. — *Carta VII.* — A história. — O romance. — O theatro. — Garrett, e Emilia. *Carta VIII.* — A feira da Ladra. — Fac-simile de uma gazêta. — O artigo de «fundo». — O noticiário. — O annuncio. — *Carta IX.* — O mocho simbólico. — Portugal e a Turquia perante a instrucção. — O professor mendigo. — 52 reformas em 47 annos. — Os reformadôres. — Bafio universitário. — *Carta X.* — Feitos de Emilio, o «Brando». — Imperio dos nefelibatas. — O rapé e a salvação da pátria. — A balança da justiça. — Legisladôres aos pés de João de Deus. — A sociedade portuguêsa: espiritistas, filólogos, dentistas e salvadôres. — A folha de parra.

O custo d'este livro é de 300 réis.

Relatorio *sobre as Escolas Industriaes e de Desenho Industrial na circumscripção do sul*, por Francisco da Fonseca Benevides, inspector das escolas — anno lectivo de 1890-1891. Lisboa 1891. Este circumstanciado relatorio mostra o notavel desenvolvimento que estes institutos de ensino, fundados por Antonio Augusto de Aguiar, tem tido, apesar das incertezas em que viveram n'este ultimo periodo, por motivo das medidas de economia do governo que poseram peias ao seu desdubramento e ampliação.

Assim foi transformada em escola industrial a escola *Fradesso da Silveira* de Portalegre; foram inauguradas novas escolas de desenho industrial em Alemquer, Ponta Delgada e Angra do Heroismo, uma aula de desenho na Batalha; um curso elementar de chimica, na escola industrial de *Jacome Ratton*, em Thomar; ampliação do ensino profissional, na escola industrial *Marquez de Pombal*, em Alcantara; uma officina de trabalhos em metal na escola industrial *Jacomê Ratton*, em Thomar; officinas de instrumentos de precisão e fundição de metal, na escola industrial *Fradêsso da Silvêira*, em Portalegre; uma officina de pintura decorativa, na escola de desenho industrial. *Domingos Sequeira*, em Leiria; installação em nova casa do museu industrial em Faro, etc., etc.

O movimento escolar foi nas escolas da circumscripção do Sul, Madeira e Açores no anno lectivo 1890-1891, de 4:587 alumnos matriculados, havendo 1:776 approvações e 266 premiados, mostrando este movimento um notavel augmento comparado com os annos anteriores.

Vê-se a utilidade d'estas escolas pelos seus resultados praticos, devidos em parte á direcção superior do inspector o sr. Francisco da Fonseca Benevides, incançavel em lhe promover todos os progressos.

Como se sabe, pela demissão pedida pelo sr. Benevides de inspector das escolas industriaes da circumscripção do Sul, acha-se esta importante commissão entregue ao sr. Ramalho Ortigão, que é de esperar lhe dedique toda a sua boa vontade e intelligencia.

Um Ponto... *monologo, conversa, colloquio, dialogo, palestra (como lhe queiram chamar)* etc., de Ricardo de Sousa. E' muito engraçado e foi recitado, com applauso geral, pelo distincto amador sr. F. Rodrigues Caldeira. Custa apenas 100 réis.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43